

# UM HERÓI PARA O SEU TEMPO: PONTES PARA UMA COMPREENSÃO DO NIILISTA DE TURGUENEV

Sara Luíza Carvalho de LIMA  
Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo

**Resumo:** Este trabalho propõe construir uma ponte entre o tipo do *herói do nosso tempo*, elaborado por Mikhail Lermontov em sua obra homônima em 1840, e o tipo *niilista*, desenvolvido por Ivan Turguenev em *Pais e Filhos* em 1861. Ambos os tipos se concretizaram dentro da tradição literária russa do século XIX, sendo referências incontornáveis para os escritores da época que buscavam abordar as forças de liberdade e de oposição ao poder oficial. Com isso em vista, este trabalho propõe uma análise da incorporação destas forças em torno da tipificação desses personagens e uma comparação que permita compreender o tipo *niilista* de Turguenev como continuidade da consagrada imagem do *herói do nosso tempo*.

**Palavras-chave:** literatura russa; literatura século XIX; herói; niilista.

No contexto literário russo, *Pais e Filhos*, de Ivan Turguenev, foi uma das obras do século XIX que mais provocaram controvérsias. Em geral, pode-se identificar a origem destasna turbulenta recepção do protagonista Bazarov, dividida entre aqueles que o consideravam uma idealização e os que o encaravam como uma depreciação dos jovens intelectuais *raznotchintsy*<sup>1</sup>. A preponderância de ambas as opiniões, somada à falta de um pronunciamento definitivo do autor sobre o sentido de sua personagem<sup>2</sup>, fez com que o caráter e o valor de Bazarov fosse não apenas polêmico, mas como também ambíguo e enigmático. Esta indefinição, no entanto, não está limitada ao imaginário da recepção crítica, sendo também parte da constituição tipológica do *niilista* de Turguenev e da consequente identificação deste à tradição de um personagem tipicamente russo: o *herói do nosso tempo*.

O tipo<sup>3</sup> do *herói do nosso tempo* foi desenvolvido por Mikhail Lermontov ao longo das quatro histórias presentes em sua obra homônima. Reunidas em uma estrutura episódica, essas histórias apresentam enredos e narradores que, embora diversos, se entrelaçam pela representação do caráter de Grigori Petchorin. Deste retrato, surge a figura de um espírito livre e mundano, insubordinado a qualquer tipo de ordem e de moral; um espírito que

---

1. Segundo Joseph Frank, os *raznotchintsy* eram “os filhos de padres, os pequenos funcionários, os proprietários de terra empobrecidos, às vezes servos emancipados ou não, todos aqueles que haviam conseguido educar-se e existir nos interstícios do sistema de castas da Rússia.” (FRANK, 2013, página 234). Esta camada ganhou destaque nas décadas de 1850 e 1860 em vista da produção crítica de alguns intelectuais em diversas áreas do conhecimento, incluindo aqui a literatura.

2. Turguenev nunca foi capaz de dar um veredicto em relação a seu personagem, chegando a declarar, em carta à I.P. Borissov, que “Meus sentimentos pessoais [para com Bazarov] eram confusos (só Deus sabe se eu o amava ou o odiava)!” (BERLIN, 1988, página 284).

3. Considera-se aqui a ideia de que, na representação artística, o tipo seria uma cristalização universal de um fato social e individual da realidade.

zomba das normas da sociedade e que age de acordo com a sua própria vontade, mesmo que isso represente a violação da vida do outro. Em busca da afirmação deste espírito insubordinado, Petchorin chega a censuráveis extremos por motivos supérfluos, sensuais ou zombeteiros. Em uma de suas aventuras, por exemplo, ele arriscou a sua vida para sequestrar a irmã de um guerreiro do Cáucaso e, logo depois de conquistá-la, caiu em uma profunda indiferença sentimental em relação a ela - o que, em última instância, resultou na morte da jovem. Em outra de suas façanhas amorosas, ao se desentender com um oficial por uma situação que envolvia uma dama que ele não amava, Petchorin acabou o matando em um duelo previamente mortal.

Assim como o título da obra de Lermontov já sugere, essa representação, que mistura a dimensão da liberdade com a do desprezo, pode ser encarada comum a leitura do herói enquanto um tipo de seu tempo. Nos anos 40, período em que a obra foi publicada, o atributo considerado como tipicamente heroico, em especial por Belinski e por alguns de seus seguidores, era a personificação das forças de progresso e de libertação capazes de se opor à tirania, destruído o que era ultrapassado e, com isso, trabalhar para a construção de um mundo melhor. No entanto, dentro do regime de Nicolau I, a possibilidade de um desenvolvimento pleno de tal atributo era vista como impossível. Isso porque o ambiente que se tinha com este governo era o de uma profunda estagnação política, que buscava preservar uma sociedade com estruturas e valores já obsoletos, - principalmente pelo medo que se tinha da difusão no Império Russo das ideias ocidentais de contestação ao Antigo Regime - e que, por conta disso, se sustentava em um aparato repressivo, capaz de aniquilar qualquer força de transformação e de renovação.

A negação do potencial heroico pelo contexto de engessamento dos anos 40 pode ser considerada uma das bases da leitura da obra de Lermontov sobre o seu tempo. Em sua representação, Petchorin claramente incorpora este potencial ao longo das narrativas, o que é sugerido não apenas pelo seu protagonismo, mas também pelo fato dele portar, como ele mesmo denomina, *forças imensuráveis*, que se extravasam em uma ousadia impetuosa e em uma superação das leis mundanas e até da própria morte. Além disso, ele também se aproxima do heroico ao ter as suas ações, que constantemente abalam os círculos sociais pelos quais ele transita, coincidindo com o sentido de “liberdade destrutiva” desejada por alguns intelectuais dos anos 40. No entanto, em vista do contexto da sua época, o elemento destrutivo desta liberdade não consegue alcançar um valor de transformação e, portanto, de realização heroica. Isso porque, como já mencionado, existia neste contexto um clima de estagnação que reprimia qualquer tentativa de mudança profunda no Império Russo a nível estrutural, o que implicava impossibilidade de um potencial positivo, tal qual Petchorin poderia ser, conduzir um processo de renovação da organização russa já ultrapassada para uma sociedade futura idealmente melhor.

Na obra, essa impossibilidade de realização heroica é parcialmente transmitida pela ausência de utilidade das atitudes de Petchorin, mesmo nas mais subversivas. No entanto, isso não significa uma anulação das *forças imensuráveis* nutridas pelo protagonista de *O herói donosso tempo*. Petchorin, além de ser uma personalidade distinta, claramente está em uma posição de desencaixe e, portanto, de inconformismo em relação aos meios sociais retratados pela obra. Somado a isso, pela falta de apego às ideias e às leis dominantes nestas sociedades, assim como também pela ausência de novos princípios que as substituam - afinal, ele está inserido em período em que a máquina governamental opera em favor desta ausência -, Petchorin introduz-se em um estado moral esvaziado em que nenhuma lei impera sobre a sua individualidade, o que, além de estabelecer uma atmosfera de despropósito e inutilidade, faz com que tudo seja permitido, inclusive as atitudes mais vis. Dentro deste cenário, o seu rompimento e a sua revolta em relação ao seu tempo acabam se realizando pela manifestação das suas *forças imensuráveis* e heroicas em uma negação feroz, expressa na obra pelo seu desdém, pela sua arrogância e pelas suas atitudes torpes - e, por vezes, criminosas - em sociedade.

Memorizo todo o meu passado e involuntariamente me pergunto: para que vivi? Com que fim nasci?... Mas deve haver algum fim e alguma alta missão, porque sinto em mim forças imensuráveis; mas não descobri essa missão e me entreguei à tentação de paixões ingratas e vazias. Do crisol dessas paixões saí duro e frio como o ferro, mas perdi para sempre o ardor das aspirações nobres, a mais genuína flor da vida. E, desde então, quantas vezes já fiz o papel de machado nas mãos do destino! Como arma de execução, caí sobre as cabeças dos condenados, freqüentemente sem raiva, sempre sem compaixão... Meu amor não trouxe felicidade a ninguém, nada sacrifiquei por aqueles que amava; eu amava por mim mesmo, para meu próprio prazer, apenas satisfazia uma estranha necessidade do coração, devorando avidamente os sentimentos, a ternura, as alegrias e tristezas das pessoas amadas - e nunca pude saciar-me. Era como alguém que, atormentado pela fome, adormece exausto e sonha com manjares finos e vinhos espumantes; devora extasiado os dons estereos da imaginação e experimenta uma sensação de alívio... Entretanto, mal acorda, o sonho se dissipa, restando-lhe uma fome redobrada e o desespero! (LIÉRMONTOV, 1999, páginas 183 e 184)

Por abarcar uma qualidade heroica que, em vista de sua impotência, se realiza em um modo de atuação baixo, Petchorin acaba entrando em um espaço duplo que o aproxima do universo anti-heroico. Tal aproximação se assemelha ao que Meletinski, em *O arquétipo literário*, define como característico do herói típico ao período romântico. Segundo o autor, como parte de um processo de desmistificação de sua representação clássica, o herói romântico, apesar de todo o seu potencial, não realiza o seu destino épico devido ao seu contexto político-social e, por isso, acaba adotando uma postura de revolta diante dele. Tal postura é colocada em prática por diferentes vias, sendo uma delas a revolta demoníaca, que leva o protagonista a destinar as suas forças - que positivamente são infecundas - para um modo de atuação que nega o heroico.

Com isso, em estado moral esvaziado, sem propósito, e incapaz de se conciliar com uma sociedade de valores já ultrapassados, a única forma da *força imensurável* de Petchorin encontrar um sentido de desestabilização do obsoleto é pela encarnação, em todas as suas atitudes em sociedade e por todas as vias possíveis, mesmo as mais perversas, da pura negação das estruturas e dos valores que a Rússia de Nicolau buscava anacronicamente preservar. Neste sentido, o tipo do *herói do nosso tempo* pode ser visto como um símbolo que, além de misturar as dimensões do herói com a de seu oposto demoníaco, revela a tragicidade do destino heroico na Rússia do século XIX, que, apesar de apresentar o seu embrião, não tem espaço para o seu florescimento, apenas para a sua perversão.

Em uma carta à Katkov, Turguenev se refere ao protagonista de *Pais e Filhos* como sendo “‘o verdadeiro herói do nosso tempo’, acrescentando: ‘Que herói e de que tempo - o senhor dirá. [...] Mas é assim que as coisas são’” (FRANK, 2013, página 237). E de fato, o desenvolvimento que o autor emprega em Bazarov assemelha-se ao sentido heroico que Lermontov atribuiu à Petchorin em sua obra mais famosa. O tipo *niilista* que Turguenev desenvolveu nos anos 60 foi formado em um contexto que, ao contrário do de Lermontov, estava carregado de novas expectativas para a existência do tipo heroico. Isso porque, sob o governo de Alexandre II, este contexto, marcado por reformas como a emancipação dos servos de 1861, representou um momento de afrouxamento da rigidez de Nicolau I e, com isso, de relativa abertura para o florescimento de novas ideias e ambições. Por conta disso, existia na época uma expectativa, principalmente entre a crítica *raznotchintsy*, de que este novo clima fosse propenso para o desenvolvimento pleno das forças heroicas. Como parte disso, essa crítica também passou a criar uma nova ordem estética que, dentre muitas coisas, exigia do autor a representação destas forças heroicas em um tipo ideal específico. Este deveria carregar, somado ao sentido de transformação que já existia no imaginário literário dos anos 40, um programa ideológico de ação composto por preceitos éticos e revolucionários defendidos pelos *raznotchintsy* - o que, de certo modo, pode ser encarado como uma sugestão da origem social deste modelo heroico- e realizado em um sentido de integralidade, em que a vida total é voltada para a prática deste programa, e posicionamento ativo em frente à realidade.

Foi nesse novo clima de expectativa e de imposição em relação à figura heroica que Turguenev construiu o tipo *niilista* em *Pais e Filhos*. Na obra, este tipo é representado pela figura de Bazarov, um jovem estudante de medicina com origem *raznotchintsy* e adepto à ideologia e à moral progressista, materialista e utilitarista. Por apresentar esta envoltura social-ideológica combinada a um potencial ativo e a uma crença na possibilidade de revolucionar a ordem vigente nos anos 60, a representação de Bazarov tipifica a camada intelectual dos *raznotchintsy*-e, por extensão, o modelo de herói esperado por ela. Nesta

tipificação, além dos valores e das crenças desta camada, também são manifestados em Bazarov traços comportamentais considerados por críticos daquele período como marcas dos jovens radicais. Em *Pais e Filhos*, estes traços aparecem na caracterização do *niilista* de Turguenev como um tipo “bilioso” com um jeito “rude, insensível, desapiedadamente seco e brusco” (BERLIN, 1988, página 237), que, crendo na superioridade das leis científicas e de seu sistema, dispõe de uma arrogância que despreza tudo aquilo que não esteja ajustado a tais princípios e, com isso, afirma a sua elevação sobre aqueles que incorporam este desajuste.

Com base nisso, pela tipificação dos jovens *raznotchintsy* feita por Turguenev misturar a expectativa heroica a uma personalidade hostil, é possível identificar em Bazarov uma proximidade de sua natureza ao lugar duplo ocupado na Rússia pelo protagonista Iermontoviano. Assim como Petchorin, a inclusão do jovem *niilista* neste lugar - o qual atribui à figura heroica elementos demoníacos - se dá pela existência de uma percepção do vazio nos valores e na estrutura social russa, de uma conseqüente incapacidade de adequação a esse clima e de uma necessidade de tornar esse desajuste em algum tipo de revolta. Como conseqüência, de modo semelhante ao que ocorre em *O herói do nosso tempo*, essa necessidade de revolta, simbolizada em sua personalidade pela arrogância, determina em Bazarov as suas atitudes cotidianas e a forma pela qual ele se relaciona com os círculos sociais presentes em *Pais e Filhos*. No entanto, para Bazarov, essa revolta comportamental não carrega um caráter de destruição infrutífera, como no caso de Petchorin. Ao contrário deste, que se insere em um estado de vácuo de valores que inutiliza qualquer tipo de ação perante ao seu contexto, Bazarov, em um mundo em que há uma abertura - mesmo que mínima - para novas perspectivas, tem sua revolta cotidiana subordinada a um plano de ação ideológico o qual é sistematizado sob o nome de *niilismo*.

Em uma conversa com seu tio Pavel, Arkadi, amigo de Bazarov, define o tipo *niilista* como sendo “uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.” (TURGUÊNIEV, 2004, páginas 46 e 47). Transferindo essa definição para o contexto específico dos anos 60 russo, tem-se que a relação do tipo representado por Bazarov com o seu tempo é marcada pela percepção de que este, não sendo sustentado por princípios racionais e materialistas, possui uma autoridade moral e institucional vazia e impotente. Este vazio, no entanto, não é, como em *O herói do nosso tempo*, um estado que imobiliza todas as temporalidades, mas sim uma estagnação presentificada, que tem potencial de ser transformada em nome de futuro diferenciado. Neste sentido que, no lugar de se estabelecer como único estado possível, esse vazio é confrontado pelas forças e pelo sistema de crenças *raznotchintsy*.

Para a realização do confronto com essa autoridade esvaziada, o principal mecanismo utilizado pelo *niilista* é o artifício da negação - que, inclusive, é definido por Bazarov como aquilo que há de mais útil para o seu tempo. O principal sentido que determina este artifício é o da necessidade de destruição do presente sob a expectativa de que, desses escombros, possa se construir uma nova sociedade com ideais e estruturas positivas. A realização deste sentido, sob a exigência do herói nos anos 60 - que, além de libertador, deveria também ser um revolucionário integral -, acaba sendo feita, para além de realizações grandiosas, nas pequenas ações cotidianas. É neste sentido, que reúne a atuação extraordinária com a rotineira e que encara a necessidade de desordem do seu tempo não como único escape de uma revolta estéril, mas sim como condição ideal para transformação, que Bazarov, enquanto *niilista*, assume uma personalidade e uma conduta corriqueiramente negativa perante o universo retratado em *Pais e Filhos*.

No entanto, ao longo da obra, ao entrar em contato com o ambiente da sociedade russa que buscava superar - a sociedade aristocrata dos proprietários de terra -, a realização da transformação por Bazarov se revela impraticável devido a existência de algumas barreiras insuperáveis pelo seu sistema ideológico. No final de *Pais e Filhos*, uma dessas barreiras é representada pela própria morte de Bazarov. De modo semelhante a *O herói do nosso tempo*, em que Petchorin morre de forma fortuita em seu caminho para a Persa, sem ter conseguido transformar suas energias turbulentas em algo verdadeiramente útil, a morte assume um tratamento indiferente para com o jovem *niilista* e todas as suas intenções. A carretada por circunstâncias peculiares, ela transcende qualquer aspecto de cálculo e de utilidade, aniquilando friamente uma potência de transformação que, embora ainda tivesse muito para desenvolver, possuía nítidas intenções e capacidades para o prelúdio de um processo de melhoramento social.

Não só a morte, mas como também o amor acaba agindo enquanto força superior que transcende todos os cálculos do sistema de Bazarov. Apesar da intenção de sacrificar-se completamente à causa revolucionária, direcionando à esta todas as suas forças, a dinâmica que constrói com Ana O intso va introduz em sua fria camada de renúncia o inesperado sentimento do amor, impondo, assim, uma limitação ao seu sacrifício que idealmente seria ilimitado. Com isso, fica evidente que o ideal que, até então, o jovem *niilista* acreditava ser possível executar com perfeição na realidade, estava sujeito a falhas ao colidir com aspectos inesperados – sejam eles de ordem natural ou sentimental – que independem do cálculo humano.

Além do choque produzido por essas forças extraordinárias, sua dinâmica com a sociedade que procurava transformar acaba também produzindo barreiras para a perfeita execução de suas aspirações. Embora desprezada, tal sociedade possui uma camada que, segundo os ideais dos radicais da época, contém as fontes para o esplêndido porvir. Esta

era a camada composta pelos camponeses, os quais eram vistos como portadores de verdades valiosas e de um tipo de organização necessária para a sociedade futura. No entanto, embora ciente do papel desta camada dentro de suas crenças, Bazarov não é capaz de manter-se positivamente ligado a ela, nutrindo, ao contrário do que era esperado, um sentimento de arrogância e desdém.

Odiar! Veja, por exemplo, hoje mesmo, ao passar pela isbá de nosso estaroste Filip, você [Arkadi] disse: que casinha branca e decente. E então você disse que a Rússia atingirá a perfeição quando o mais humilde dos mujiques tiver uma habitação como aquela e que todos devemos contribuir para isso... Pois eu me enchi de ódio contra esse mujique, o mais humilde dos mujiques, seja Filip, seja Sidor, em cujo benefício devo suar sangue e que nem me dirá sequer um obrigado...mas, também, para que me serviria o obrigado dele? Ora, ele estará vivendo numa isbá branca enquanto sobre mim vai crescer a grama; pois bem, e daí? (TURGUÊNIEV, 2004, página 195)

Deste modo, em *Pais e Filhos*, os obstáculos para a ação, que na figura de Petchorin são vivenciados através da insuperável estagnação de seu contexto, surgem como problemas inerentes à própria ideologia radical, tendo em vista a dissonância entre aquilo que é sistematizado e o que era de fato possível ser colocado em prática. Resultando na frustração do empreendimento revolucionário por uma figura tão promissora quanto Bazarov, essa inconciliação acaba por conceder a ele um aspecto trágico - o qual é, inclusive, identificado por Dostoievski, considerado por Turguenev um dos únicos a verdadeiramente entender o sentido desse *niilista*.

Bazárov é captado aqui exatamente como o tipo de figura trágica que Turguênev quisera retratar, um herói cuja tragédia reside no conflito entre suas idéias ocidentais (sua ideologia) e 'o grande coração' cujos impulsos e anseios não conseguiu reprimir nem negar. (FRANK, 2013, página 254)

Independentemente de ser um tipo agradável ou não, Bazarov torna-se infinitamente trágico ao ter suas potencialidades reduzidas à insuficiência. No entanto, numa sociedade tão complexa e problemática quanto o Império Russo, este tipo bilioso e vivaz, incapaz de conciliar-se ao seu contexto, mas, ainda assim, ávido por transformá-lo, que de modo trágico acaba sendo anulado por circunstâncias que lhe fogem do cálculo, é a figura apropriada para assumir o papel de um herói possível para o seu tempo.

---

## REFERÊNCIAS

BERLIN, Isaiah. (1988) Pensadores Russos, Editora Schwarcz Ltda, SP.

FRANK, Joseph. (2013). Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação, 1860- 1865, Edusp, SP.

LIÉRMONTOV, Mikhail. (1999). O herói do nosso tempo , Martins Fontes Editora Ltda, SP.

MATHEWSON JR., Rufus W.(1981) .The Positive Hero in Russian Literature, Stanford: Stanford University Press.

MELETINSKI, E. M. (2002) Os arquétipos literários, Ateliê, SP.

TURGUÊNIEV, Ivan. (2004). Pais e Filhos, Cosac Naify, SP.